

ANAIS DO SETA, Volume 2, 2008

IMAGENS E IDEAIS NA LÍRICA DE TEÓFILO DIAS

Fábio Martinelli CASEMIRO¹

RESUMO: A obra de Teófilo Dias está localizada entre os anos de 1878 a 1887 e caracteriza-se pelo intenso diálogo que estabelecia com as muitas tendências literárias que compunham a poesia brasileira do período. Esta pesquisa quer investigar como o poeta mesclava os diferentes elementos oriundos dessas múltiplas tradições (Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, Decadentismo e Realismo) e quais contribuições deixou para as gerações futuras.

ABSTRACT: The works of Teófilo Dias are localized between 1878 and 1887. At that moment, it dialoged with all the literary tendencies of the Brazilian poetry. This research intends to investigate how that poet mixed the different elements of that multiple traditions (Romanticism, Parnassianism, Symbolism, Decadentism and Realism) and which contributions it offered to the next generations.

1. VIDA E OBRA

Nascido em Caxias, no Maranhão, em 1854, Teófilo Odorico Dias de Mesquita partiria, vinte anos depois, ao Rio de Janeiro. Em 1876, viajaria para São Paulo na companhia do então amigo Fontoura Xavier. Gênio explosivo, pequeno, mestiço e pobre, a partir de 1877 levaria a vida de república em república aceitando, sem receio, os tão caros favores que recebia dos amigos, colegas do curso de direito da Faculdade do Largo de São Francisco. Casando-se em 1880, nos próximos nove anos, exerceria diferentes funções: de diretor e de professor na Escola Normal; de colaborador e de redator de jornais republicanos e de deputado provincial pelo Partido Liberal. Em março de 1889, veio a falecer devido a complicações cardíacas, aos 34 anos de idade.

Sua obra é composta por: *Flores e Amores* (1874); *Caxias* (1874); *Lira dos Verdes Anos* (1878); *Cantos Tropicais* (1878); *Fanfarras* (1882), *A Comédia dos Deuses* (1887) e *Poesias Escolhidas* (1960)². As duas primeiras estão desaparecidas (não encontrei menção a nenhum crítico brasileiro que as tenham estudado), *A Comédia dos Deuses* é inacabada pelo falecimento do poeta.

Seus versos vão do “puro leite romântico”(ASSIS, 1985: 810) em *Lira dos Verdes Anos*, ao verso baudelairiano de *Fanfarras*, chegando ao anti-monarquismo de Edgar Quinet em *A Comédia dos Deuses*. Ao percorrermos cronologicamente suas obras, podemos acompanhar como evolui de um “romântico ingênuo a um analista bastante sutil da emoção erótica” (DIAS, 1960: 4) Tal leitura permite que observemos não somente essa pronunciada influência baudelairiana, como também perceber que nela

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem IEL/UNICAMP sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas. E-mail: fabiomcasemiro@yahoo.com.br

² Dias, Teófilo. *Poesias Escolhidas*. (Prefácio, Seleção e Notas por Antonio Candido) São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960.

habitam outras vozes e certos *Novos Ideais*³: o romantismo condoreiro de Victor Hugo e de Castro Alves se mesclam aos versos de cunho sensual e maldito; percorrendo sua lírica, podemos ouvir o desejo do poeta de inocular valores cientificistas e republicanos. O apego aos critérios formais de composição se faz presente (como se esperaria de um poeta considerado precursor do parnasianismo) mas, definitivamente, essa não é a tônica de seu trabalho: usava da forma porque alinhava-se à poesia moderna, aos versos afrancesados, caros ao período, influência não só de Charles Baudelaire, mas de Theophile Gautier, Lecomte de L'Isle e outros que fecundavam grande tendências nas literaturas francesa, portuguesa e brasileira.

Mais do que a *Arte pela Arte*, preocupava-se com a construção de uma poesia que fosse “Social”: no prefácio às *Canções Românticas*, de Alberto de Oliveira, convidava o colega a um futuro enveredamento pelos rumos da “poesia socialista” (MARTINS, 1977-78: 32). No prefácio de *Contemporâneas* de Augusto de Lima, atentava para a coesão entre conteúdo e forma como modo perfeito da expressão artística:

A arte suprema consiste na correspondência exata, na equivalência perfeita, entre forma e o pensamento. Os artistas dignos dêste nobre nome, não têm, não conhecem outro ideal. (DIAS, 1960: 16)

2. FORTUNA CRÍTICA E CONTEXTO HISTÓRICO

Dos críticos que investiguei, vale destacar Machado de Assis, Antonio Candido, Glória Carneiro do Amaral, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Wilson Martins, Sílvio Romero e José Veríssimo. De modo geral, todos esses autores parecem concordar sobre o fato de sua obra de estréia, *Lira dos Verdes Anos*, funcionar como uma espécie de “*pot-pourri* romântico” (AMARAL, 1996: 111). Da mesma forma, parece ser de comum acordo entre os críticos, que seus versos mais expressivos sejam os baudelairianos que, em grande parte, encontram-se alocados em “Flores Funestas”, a primeira parte de *Fanfarras*, (salvo Machado de Assis, cujo texto crítico “A Nova Geração” é anterior à essa obra do poeta). Esses versos de coloração baudelairiana renderam ao poeta o título de precursor do parnasianismo no Brasil, além de proporcionarem muitas discussões sobre como classificar uma lira que usava, com a mesma desenvoltura, Baudelaire e, por exemplo, Castro Alves.

Antonio Candido e Glória Carneiro do Amaral optaram por concentrar suas atenções na recepção de Baudelaire por Teófilo Dias. Esse enfoque acentua-se, ainda mais, na autora de *Aclimatando Baudelaire*. Nesta obra, analisa as produções de vários autores do final do XIX que compunham seus versos a partir d’*As Flores do Mal* e, sobre Teófilo Dias, a autora esmiúça alguns poemas como “O Elixir”, “A Matilha” e “Esfinge”. Sobre a recepção do francês aqui nos trópicos, Glória Amaral identifica uma certa aproximação entre os versos de Baudelaire e de Lord Byron (a partir da influência de Álvares de Azevedo). Para Glória Carneiro do Amaral, essa leitura azevediana de Baudelaire converteria a concepção de *mal* como “objeto de indagação metafísica”,

³ Além de termo muito usado no período, este era o nome do livro de poemas de Múcio Teixeira, publicado em 1880.

numa espécie de coloração ainda mais macabra que a do original. Eis o processo que denomina “aclimatação”.

Os outros críticos, diferentemente, preocupam-se mais com a “escola literária” na qual deve ser inserida a lírica teofiliana. Para Péricles Eugênio da Silva Ramos, trata-se Teófilo de precursor do Simbolismo, já que sua lira encontrará ressonância nas de Cruz e Souza e de Augusto dos Anjos. Para o crítico, Carvalho Júnior era uma das grandes influências sobre o poeta de *Fanfarras*; entre esses poetas e alguns outros do *fin-de-siècle*, havia uma certa “dicção tribal” (RAMOS, 1967: 207) que comparava o desejo sexual à “jumentas” (em Carvalho Júnior) e à “cães de caça” (em Teófilo Dias). Para o crítico, a combinação “fluidez do ritmo + aliterações + sinestesia” (RAMOS, 1967: 195), conferiria à tríade Teófilo Dias, Carvalho Júnior e Fontoura Xavier, o título de legítimos *decadentes*, precursores do Simbolismo brasileiro, ao tempo mesmo que essa tendência literária se desenvolvia na Europa. Glória Carneiro do Amaral concorda com Péricles Ramos, ao observar que o uso de assonâncias e de aliterações era tão pronunciado em Teófilo Dias, que o poeta acabava por empregá-las nas traduções dos versos d’As Flores do Mal, ainda mais pronunciadamente que o próprio autor francês.

Nos trabalhos de Wilson Martins e de José Veríssimo vale destacar a relação que ambos estabelecem entre literatura e as tensões históricas características às últimas três décadas do século XIX. Sobre Teófilo Dias, José Veríssimo o compreende como um “romântico modificado, atenuado pelo ‘pensamento moderno’ que nele influi mais que em seus camaradas de geração.” (VERÍSSIMO, 1998: 361). Segundo ele, essa literatura “moderna”, sucessora e antagonista do romantismo, possibilitará o advento do Parnasianismo brasileiro. Essa modernidade lírica alicerçava-se nos *Novos Ideais*, expressão que representava o desejo de renovação e que erigiu grande parte da jovem intelectualidade brasileira: o *Ideal*, o *Porvir*, o *Progresso* eram cantados pela geração de poetas como Teófilo Dias e eram alimentados pela leitura de Comte, Spencer, Renan, Taine e outras tantas obras que, ao que tudo indica, circulavam entre os estudantes do final do século. Sílvia Romero e Tobias Barreto catalisavam para si os louros de uma espécie de lírica político-cientificista, enquanto se diziam fundadores da “Escola do Recife”. Esta, segundo Ângela Alonso, (e tal opinião se alinha à de José Veríssimo), tratava-se de uma “tradição inventada” (ALONSO, 2002: 134) por Romero em artigo publicado à Revista Brasileira em 1879, denominado: “A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro”.

José Veríssimo compreende essa acalorada movimentação político-literária do período, em parte como reflexo de alguns importantes fatos históricos: a Guerra do Paraguai (de 1864 a 1870) que havia estimulado a nacionalidade e trazia consigo o problema da escravidão; a Questão Religiosa, envolvendo D. Pedro II e a maçonaria brasileira (em 1875); a queda do Império Napoleônico (em 1870) e a Guerra franco-prussiana (de 1870 a 1871) que contribuiu para despertar o interesse pela cultura francesa e alemã aqui no país.

Essa modernidade, segundo Wilson Martins, atrelava-se, também, à modernização dos centros urbanos brasileiros: em 1864 a Rio de Janeiro City Improvements terminava a rede de esgoto da cidade; o lampião a gás fazia com que o cidadão pudesse se tornar independente do Sol. Da mesma forma, a literatura passaria por “metamorfozes mentais” (MARTINS, 1977-78: 29): no que concerne à poesia,

em 1878, a influência francesa superava a portuguesa, seja nos modelos literários, seja em aspectos específicos como a metrificação. Machado de Assis lamentaria a “decadência do verso solto” com o simultâneo “uso freqüente do alexandrino”. (Martins PP 30 a 31).

Observemos trechos do alexandrino intitulado “A Poesia Moderna”, último poema de *Cantos Tropicais*. Vejamos como conteúdo e forma se encaixam coerentemente ao edifício lírico que o poeta quer construir:

A Poesia Moderna

A Pompilio de Albuquerque

Ó cândida poesia, ó virgem branca e pura!
Águia do pensamento, errante, foragida!

...

Que nova brisa embala o palpitante ninho
Dos novos ideais?

....

Tu viste a populaça, amarelenta e nua,
No lodo da miséria exausta se arrastando;

...

O poder apoiando as pontas das espadas
Ao corpo social que verga-se ao grilhão,

.....

E és hoje a grande luz da tempestade invicta!
De cada consciência entraste nos arcanos,
E o militar venal e o ignóbil jesuíta
Ameaçam-te em vão com os cetros dos tiranos!
És a deusa viril da Iliada sagrada!
És o raio da paz com brados de trovão!
Empunhas da justiça a lança imaculada,
E o escudo da Razão! (DIAS, 1878: 136-139)

Wilson Martins entende emblemática a publicação simultânea de *Lira dos Verdes Anos* e de *Cantos Tropicais*, ambas em 1878: é nesse romantismo retardatário que jazem o Simbolismo e o Parnasianismo. Cita, como exemplo de Simbolismo *avant la lettre*, “Ruínas”, poema de *Cantos Tropicais*; poema este que, particularmente, mais parece anunciar os versos de “Vandalismo” de Augusto dos Anjos. Observemos ambos:

Ruínas

A Fontoura Xavier

Ó rôtos coruchéus! ó velhas cathedraes!
Outr’ora tínheis vós agulhas pensativas,
Que roçavam nos céus as nuvens fugitivas
Com o extático afan dos beijos sensuaes!

Meu pensar, como vós em torre ideaes,
Ergueu também visões phantásticas, altivas,
Como em belos harens as languidas captivas
Dos grandes castellões, dos despotas feudaes!

Que resta hoje de vós? que lenda os viajores
Contaes, ó torreões? –Em lubricos amores
A electrica tormenta um dia vos prostrou!
Tal de minhas visões a sombra peregrina
Sumindo-se me aponta –em meio da ruína
De tudo o que sonhei –o Deus que me habitou! (DIAS, 1878: 99)

Vandalismo
Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nume de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.
Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas
E as ametistas e os florões e as pratas.
Como os velhos Templários medievais
Entrei um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos ...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos! (ANJOS, 2004: 102-103)

3. MAPEANDO IMAGENS E IDEAIS

Um romântico à posteriori, um simbolista e um parnasiano extemporâneo, um poeta maldito porque sensual e carnívoro, mas um discípulo do progresso que comungava nos altares da Razão. Acreditava que o fim das tiranias e o início da república consolidariam o Brasil no caminho do *Ideal* civilizatório. Depois de publicada sua obra *Fanfarras*, de cunho baudelairiano e anti-monarquista, publicou, inacabada, a tradução da obra de Quinet que alinhava-se às idéias condoreiras de Victor Hugo e Castro Alves. Seria um retrocesso? Um recuo do poeta (ou do advogado e político pelo Partido Liberal), cansado de seus arroubos juvenis? Penso que não. Tampouco acredito que a explicação de quaisquer obras literárias devam se retratar imediatamente aos detalhes biográficos. Como compreender a obra de Teófilo Dias?

Usar das “escolas literárias” como mordaca teórica é particularmente prejudicial a esta investigação. Nas palavras de Mário Praz:

Como uma infinidade de outras palavras de uso corrente, aquelas aproximações têm um valor e uma função útil, desde que tratem daquilo que são, isto é, como aproximações, e não se pretenda delas o que não podem dar, isto é, exatidão de pensamento cerrado. (PRAZ, 1996 : 25)

Ou ainda:

Conhecer os gostos e os afetos próprios de cada período é condição *cine qua non* para interpretar uma obra de arte, e a história da literatura não pode fazer menos com as aproximações (...) que não podem ser mais do que símbolos de tendências específicas da sensibilidade. Categorias empíricas querem ser, e quem as condena como abstrações fúteis não está menos equivocado do que quem as exalta como hipóstases dialéticas. (PRAZ, 1996: 35)

Nesta pesquisa pretendo, como indica Antonio Candido em *O Albatroz e o Chinês*, debruçar-me sobre as “ressonâncias” (CANDIDO, 2004: 43) que a poesia de Teófilo Dias estabelece com as obras de outros autores (contemporâneos ou não a ele). Que leituras, em prosa e em verso, sua obra pressupõe; em quais obras (prosa e verso) encontraremos sua voz?

Neste momento do trabalho, o que cabe realizar é um mergulho mais profundo nos versos do poeta, a fim de mapear as representações culturais que circulavam pela sua obra. Quais elementos imagéticos e estilísticos o poeta traz do romantismo e como manipula esses elementos? À revelia de julgamentos de valor meramente opinativos, penso que a lírica teofiliana nos permite desvelar um pouco mais as *Aspirações* poéticas e políticas de jovens literatos do final do XIX: nos permite, também, inferir sobre o que elas legaram para a lírica brasileira do início do XX).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALONSO, Ângela (2002). *Idéias em Movimento. A Geração de 1870 na Crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra.
- AMARAL, Glória Carneiro do (1996). *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo, Annablume.
- ANJOS, Augusto de Carvalho Rodrigues dos (2004). *Eu e Outras Poesias*. São Paulo, Martin Claret.
- ASSIS, Machado de (1985). *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, vol. III.
- CANDIDO, Antonio (2004). *O Albatroz e o Chinês, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- DIAS, Teófilo (1878a). *Lira dos Verdes Anos*. Rio de Janeiro: Evaristo Rodrigues da Costa (BC / UNICAMP – Coleção Aristides Campos de Mello e Souza).
- _____. (1878b). *Cantos Tropicais*. Rio de Janeiro, Liv. A.G. Guimarães, 1878. (Institutos de Estudos Brasileiros IEB/USP)
- _____. (1882). *Fanfarras*. São Paulo (SP): D. Nunes, 1882. (Biblioteca Municipal de São Paulo Mário de Andrade – Obras Raras e Especiais).
- _____. (1887). *A Comédia dos Deuses*. S. Paulo, Teixeira, 1887. (Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP.)
- _____. (1960). *Poesias Escolhidas*. (Prefácio, Seleção e Notas por Antonio Candido) São Paulo: Conselho Estadual de Cultura.
- MARTINS, Wilson (1977-1978). *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, vol. IV.
- PRAZ, Mário (1996). *A Carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (1967). *Do Barroco ao Modernismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura.
- VERÍSSIMO, José (1998). *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Letras & Letras.